AVEIRO, 12 DE ABRIL DE 1979 — ANO XXV — N.º 1245

Litoral

SEMANÁRIO
PREÇO AVULSO — 4$00

Director, editor e proprietário — David Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

A ASSISTÊNCIA PÚBLICA ATRAVÉS DOS TEMPOS

A Confraria de Nossa Senhora da Alegria de AVEIRO

HONORINDA CERVEIRA

Neste prodigioso século da tecnologia poderá parecer, às pessoas pouco habituadas às leituras do passado que falam da evolução histórica da Humanidade, que nada se fez de importante antes de se atingir esta era áurea da ciência e do progresso. A outros, mais familiarizados com essas páginas interessantes que formam a história do Homem, desde as idades mais recuadas até aos nossos dias, agradável tarefa é o debruçar-se sobre todo esse caminhar, de século para século, e encontrar por toda a parte aquilo que sempre existiu sobre a Terra: — as qualidades humanas, sob múltiplos aspectos. A inteligência, a bondade, o sentido de justiça são tão velhos como o próprio Homo. *E vamos encontrar, através das histórias das antigas civilzações, todo o esforço do Homem para dominar a Natureza e superar dificuldades de toda a ordem, criando sociedades, organizando-as e dotando-as de infraestruturas capazes de as manter de pé.*

Tal é o caso concreto dos hospitais, «casas de hospitalidade para gente sã e doente, substitutas do lar distante», segundo uns; «local de tratamento de doentes curáveis», num conceito mais restrito e moderno.

Já antes da era cristã existiam tais casas de hospitalidade e assistência na China, na Pérsia, na Índia, no Egipto, na Grécia e em Roma. Assistência a pessoas e, em alguns destes países, também a animais; e, já nesses tempos recuados, hospitais militares fixos, entre os Romanos. Mas é após o édito de Milão, em 313, permitindo a liberdade de culto aos cristãos, que estes estabelecimentos começam a expandir-se pela Europa; o mais antigo é atribuído a Santa Helena, mãe do imperador Constantino, e destinava-se a doentes e inválidos. Destacaram-se, ainda, aqueles que foram fundados por S. Jerónimo, S. João Crisóstomo e S. Basílio. Surgem, então, os hospitais ou albergues anexos aos mosteiros, não só para a assistência aos monges, mas principalmente para os viandantes. A regra beneditina exigia essa obrigação, tal como os mosteiros cristãos do Oriente. A Europa enche-se de hospitais durante toda

Continua na página 3

A homenagem a FREDERICO DE MOURA

Não ficou aquém, nem foi além, da expectativa a homenagem, aqui oportunamente anunciada, ao Dr. António Frederico Vieira de Moura, levada a efeito no pretérito sábado — tudo decorreu como se esperava: centenas de pessoas, de todas as categorias sociais, acorreram, numa espontânea e significativa prova de admiração e reconhecimento pelo homenageado, quer ao Salão Paroquial de Vagos, quer ao jantar que decorreu em Aveiro, no Hotel Imperial.

Em Vagos, enalteceram os méritos do Dr. Frederico de Moura o Dr. Ângelo Vidal de Almeida Ribeiro (em magnífico improviso), Eduardo Cerqueira (numa excelente oração) e o Dr. Adolfo Rocha/Miguel Torga; David Cristo, depois de se fazer ouvir o Orfeão de Vagos, em dois magníficos trechos do seu vasto reportório, primorosamente cantados sob a proficiente regência do maestro Duarte Gravato, leu uma mensagem, cujo pergaminho viria a ser assinado por todos os homenageantes, e rematou, ali, o significativo preito, com uma singela alocução. Frederico de Moura agradeceu, com a sinceridade e elegância que lhe são peculiares.

Ao homenageado foram entregues, durante a solene sessão, significativas e valiosas lembranças, designadamente um exemplar da medalha, em porcelana, memorativa do acontecimento, um artístico trabalho de Carlos Calisto. O homenageado recebeu-a das mãos do seu netinho, António Frederico.

Do que se passou no jantar daremos nota em próxima edição. Por hoje, limitamo-nos a esta sucinta referência, desde já, porém, trazendo a lume o discurso de Torga e o de Frederico de Moura, proferidos em Vagos, os quais, quanto à profundeza dos conceitos e à beleza da forma, nos dispensam de inúteis comentários.

Palavras de TORGA

Quis a Comissão organizadora desta festa que eu dissesse aqui algumas palavras. Muito honrado pelo convite, vou dizê-las com a emoção que calculam. Não se celebram de ânimo leve cinquenta anos de amizade fraterna e de uma admiração sempre renovada. Até porque é lembrar à razão objectiva e ao instinto de conservação que a caminhada deve estar quase no fim, já que os deuses não dão a eternidade a ninguém...

Foi realmente há meio século que o destino me tornou em Coimbra companheiro de escola do Frederico de Moura. Nessa longínqua data éramos juvenilmente dois cábulas impenitentes, mais atentos ao fervilhar das ideias e à trama das contradições sociais do que aos ensinamentos da sebenta. Mas foram precisamente essas afinidades electivas que nos aproximaram. De tal maneira que, juntamente com mais três colegas subversivos, logo fundámos uma espécie de célula secreta de intenções literário-políticas que, embora sem consequências, espelhou ingenuamente a nossa mútua inquietação. Guardo desses tempos felizes a grata lembrança de ter conhecido esta linda região de Aveiro, numa visita de surpresa que então fiz ao amigo, a férias na sua Ílhavo adoptiva. A pedalar numa velha bicicleta alugada, pude admirar pela primeira vez a doçura da Ria, a braveza do mar da Costa Nova, a brancura das salinas, e, sobretudo, respirar, numa atmosfera teimosamente liberal, o ar fresco e estimulante da liberdade, que a ditadura nascente começava a cercear no país.

Mas se o período universitário só nos uniu afectiva e intelectualmente — e hoje mal se imagina como a cidade do Mondego propiciava então essas afeições e sintonias —, quando ele acabou, e as vicissitudes da vida nos separaram, nunca o nosso espírito esteve distante. Ambos sabíamos, fosse qual fosse o afastamento e fossem quais fossem as motivações da hora, que continuávamos irmanados na mesma firmeza de convicções e na mesma fidelidade aos valores aprendidos e defendidos na mocidade. Pelo que me diz respeito, sempre considerei como uma bênção que assim acontecesse. Que em todas as ocasiões eu pudesse dar forças às minhas fraquezas com a exemplaridade do velho condiscípulo, tão curioso de saber e de aprender que, já provecto, ainda se abalançou a um novo curso, para poder

Continua na página 3

NÃO BASTA ! ...

Ter um canudo ...
... se não sabes viver ? !

NÃO BASTA ! ...

Usar essa farda exterior
se és despido na alma ? ! !

Mas, para quê, DOUTOR ?
É necessário, mas não suficiente

NÃO BASTA ! ...

Serias capaz de descer os degraus para mais profundamente te auto-realizares ? !

CERTAMENTE ...

Porque, na realidade, já te custa estender o braço, pois a «farda» PESA-TE !

Homem, verdadeiramente importante e traba...

INSTITUTO DA RIA

Trabalho de parto?

ORLANDO DE OLIVEIRA

III

Desde há longos anos que o Professor Santos Júnior, da Universidade do Porto e parceiro do nosso saudoso Dr. Adérito Madeira, se interessou por Aveiro e sua região. Visitava-a a miúde e tudo prescrutava com olhos de atento investigador e cioso cientista. Até que «descobriu» uma colónia de garças na mata de S. Jacinto e desde então, enamorado e apaixonado, não mais parou de se lhes dedicar. Estudou e publicou trabalhos sobre o assunto e contribuiu eficientemente para um melhor conhecimento da referida colónia e dos indivíduos seus componentes.

É na verdade estranho como se instalou esta colónia numa região de solo paupérrimo (ainda há poucos anos, só o «Zé da Testada» produzia mimos da terra), arenoso, e até com fauna ornitológica pobre.

Mas foi assim. A Natureza ditou a sua lei!

Não sabemos agora, nem dos trâmites seguidos nem das orientações de pensamento de Alguém que olhou para S. Jacinto, para as suas dunas, e que actuou tão eficien-

Continua na página 3

Litoral

Sai o presente número com um dia de antecedência, dado que, por ser feriado na sexta-feira desta semana, não há distribuição dos correios.

Esta explicação se dá também para justificar as deficiências que se possam verificar na presente edição, pelas pressas com que foi realizada.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

2.ª publicação

Faz-se saber que pelo Primeiro Juizo e Segunda Secção desta Comarca, correm éditos de trinta dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os interessados incertos para, no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, contestarem a acção especial de justificação judicial que o autor ESTÊVÃO VIEIRA, casado, residente na Rua Cândido dos Reis, n.º 100, Aveiro, move contra MANUEL GONÇALVES ANDIAS e mulher MARGARIDA DE JESUS PEREIRA, de Mataduços, Esgueira, e OUTROS, na qual pede que seja declarado por sentença que, em 2 de Novembro de 1967, já o prédio abaixo indicado sob o n.º 1, pertencia a JOAQUIM GONÇALVES ANDIAS, e o indicado sob o n.º 2, pertencia a MARIA DE LURDES DE JESUS, os quais os haviam adquirido por usucapião.

IMÓVEIS

N.º 1

Uma casa de habitação com quintal, sita na Rua das Arrocheiras, da freguesia de Esgueira, a partir do norte com Manuel Afonso, do sul com caminho, do nascente com Manuel de Oliveira e outros e do poente com Maria de Lurdes de Jesus, inscrita na matriz sob o art.º 1295;

N.º 2

Uma casa de rés-do-chão, com quintal, sita no mesmo lugar, a partir do norte e nascente com Joaquim Gonçalves Andias e do sul e poente com caminho público, inscrito na matriz sob o art.º 1296.

Aveiro, 26 de Março de 1979

O Juiz de Direito,
Francisco Silva Pereira

O Escrivão de Direito,
António Miller Soares Ribeiro

LITORAL - Aveiro, 12/4/79 — N.º 1245

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

2.ª publicação

Faz-se saber que pela 2.ª Secção de Processos do 2.º Juizo desta comarca, e nos autos de acção ordinária n.º 19/79, que CIMPOMÓVEL — COMÉRCIO IMPORTADOR DE AUTOMÓVEIS E ACESSÓRIOS, SARL, com sede em Lisboa, move a ILHOAGRO — SOCIEDADE AGRÍCOLA ILHAVENSE, L.DA, com sede na Légua — Ílhavo, e OUTROS, correm éditos de 30 dias, a contar da 2.ª publicação do respectivo anúncio, citando os réus ANTÓNIO TRINDADE PEREIRA e mulher ARMANDA GOMES FERREIRA, ausentes em parte incerta e com último domicílio conhecido no lugar de Vale de Ílhavo, freguesia de Ílhavo, desta comarca, para no prazo de 20 dias, posteriores aos dos éditos, contestarem, querendo, a referida acção, sob pena de se prosseguir nos demais termos, e cujo pedido é a condenação dos citandos em ver declarado nulo um contrato de compra e venda celebrado entre a ré Ilhoagro e o réu António Trindade Pereira, por escritura de 28.4.978, no 1.º Cartório Notarial de Aveiro, e por via disso todos os réus serem condenados a restituir à autora o prédio urbano, constituído por um conjunto industrial de três armazéns com quatro câmaras frigoríficas, escritório e casa de máquinas, duas estufas e um terraço no 1.º andar, sito no lugar da Légua, Ílhavo, a confinar do norte com António Vieira Freire, do sul com estrada municipal, e do poente e nascente com Albérico de Jesus Rodrigues, conforme tudo melhor consta do duplicado da petição, que se encontra na Secretaria ao dispor dos citandos.

Aveiro, 2 de Abril de 1979

O JUIZ DE DIREITO,
Francisco da Silva Pereira

O ESCRIVÃO DE DIREITO,
António Marques Vidal

LITORAL - Aveiro, 12/4/79 — N.º 1245

A homenagem a FREDERICO DE MOURA

Palavras de TORGA

Continuação da 1.ª página

honrar Platão com a mesma autoridade com que já honrava Hipócrates.

Essa ânsia e capacidade de enriquecer, por uma cultura viva e variada, os seus dons naturais, fizeram do nosso homenageado um cidadão ecuménico no pequeno mundo que o rodeia. De aí que pudesse dirigir com a mesma proficiência uma Delegacia de Saúde e um Museu Etnográfico, e ser simultaneamente um rigoroso investigador do passado e um certeiro cronista do presente. E tudo sem deixar de ser fiel às forças vitais e aos impulsos temperamentais. Quem desejar conhecer o homem português paradigmático, no que tal condição tem de singular e paradoxal — as perfeições e as imperfeições entrançadas de tal maneira que é difícil estremá-las — não tem mais do que vir a Vagos confrontar o arquétipo que traz na mente com a realidade. Surgirá diante de si, na pele dum João Semana enrugado, um ser de eleição, caloroso a dizer e a proceder, ao mesmo tempo agreste e cordial, pragmático e sonhador, ácido e sentimental, solitário e convivente, com horas de formiga e horas de cigarra, e sempre solidário e compassivo. Um ser uno e dividido em cada momento, com ânimos e desânimos alternados, polémico, contraditório, assomadiço, e a desfazer-se em ternura diante da primeira desgraça, como mandam as leis da boa humanidade.

Todos quantos me ouvem sabem tudo isto, clara ou brumosamente, e por isso aqui estão. Repeti-lo é, pois, da minha parte, juntar apenas mais uma nota de verdade ao coro desta bela sinfonia de gratidão e respeito, penhor de que ainda vale a pena nascer e ter tamanho e dignidade nesta bendita terra de Portugal.

Palavras do homenageado

Um grupo de amigos, organizados em mordomia-mor da confraria da amizade, resolveu arvorar-me em orago da freguesia e tributar-me uma festa a propósito dos 45 anos da clínica que eu fiz a calcorrear atalhos e lombas de areia e, não sei de quê mais, que, ao longo da jornada, eu teria realizado na visão cor de rosa dos festeiros.

Não me seria fácil eximir-me — sem ingratidão evidente e clamorosa — ao cerco de generosidade em que me quiseram envolver e aos foguetes que quiseram lançar ao ar em minha honra e, por isso, aqui vim para aceitar, agradecido, a vossa companhia reconfortante, as palavras encomiásticas dos oradores escalados para o encargo de pregarem o meu panegírico e o canto dos meus queridos amigos do «Orfeão de Vagos», que quiseram somar as suas vozes e o seu carinho ao preito dirigido ao seu velho companheiro.

Não valerá a pena discutirmos se, sim ou não, é justificada a homenagem de que, neste momento, usufruo o conforto certo, como é, que a afectividade — que é fonte de calor humano — dispensa, perfeitamente, aferições com a lógica que, por natureza é fria e rigorosa e, além disso, por eu me sentir, neste momento, não propriamente, homenageado mas simples beneficiário da vossa bondade e da vossa grandeza — da grandeza de festejardes um modesto passado que, por natureza, não dá promessas, em vez de olhardes para qualquer futuro promissor de esperanças.

E tudo isto porquê?

Porque, há cerca de 45 anos cheguei aqui trazendo comigo a bagagem de ilusões que a juventude sempre carrega no bornal e de, entremeando as rédeas da montada com o guiador de uma bicicleta, ter investido com os carreiros que serpenteavam pelo meio de terras lavradias ou de pinhais raquíticos e com as lombas, então desoladas, que nos separavam das Gafanhas, a acorrer a apelos angustiados, a arejar dispneias ofegantes; a dar muletas a corações que ameaçavam falência, a dar socorro, em suma, a rústicos acamados na enxerga do sofrimento que apelavam para a minha ajuda.

Claro que sim, que fiz sacrifícios a afrontar invernos rigorosos e canículas escaldantes, ao ritmo do passo lento da égua que a duna atoladiça não deixava trotar, ou da pedalada cautelosa que permitisse deslocar-me sobre atalhos de espessura exígua de muros e de piso lamacento e escorregadio; claro que andei de noite, perdido na escuridão à cata de doentes que tinham chamado por mim, que partejei mulheres à luz do lampião de dar pasto aos bois e em velhas cozinhas impregnadas de fumo adstringente e que dei o meu bafo a fedelhos que, saídos do almofadamento da madre materna, se mostravam revessos para respirar por conta própria.

É verdade que, por minhas próprias mãos canhestras serrei tábuas de um caixote velho encontrado no celeiro para dele sacar talas com que encerrei provisoriamente, pernas fracturadas e que, até, algumas vezes, me acocorei aos pés de mendigos para lhes lavar as chagas conspurcadas.

Mas, se tudo isto que no nosso tempo parece arqueologia em contraste com as diálises e os pau-makers hoje triviais, merece reconhecimento; se este labor passado que custou sacrifícios e empapou a fralda da camisa, é coisa que solicite a gratidão dos que dele usufruiram ou dos que, porventura, o tenham testemunhado, então poderei aceitar a festa de ladário que me tributais com alguma paz de consciência.

Mas, por outro lado, — e é com a maior sinceridade que o digo — não é topo para além deste pouco com coisa de monta que mereça os vossos repiques de sino, nem no conteúdo do modesto exercício profissional a que me devotei, nem nas palavras que, em horas fugidias de ócio, pedi emprestadas aos dicionários para algumas laudas que escrevi, por gosto, e sempre longe de qualquer esperança de que elas ultrapassassem as horas fugazes em que os tipógrafos que as decifraram as entregassem, ainda frescas de tinta, aos olhos dos dois ou três leitores que, porventura, tenha conquistado.

Ora, porque tudo, isto e o mais que omito para não tornar enfadonho aquilo que vos quero dizer, faziam todos os médicos do meu tempo que, do asfalto da cidade e dos corredores encerados do hospital, resvalavam para os quelhos da província portuguesa, tão acinzentada, ainda, de tons medievais de tristeza e de penúria, não encontro razão robusta para justificar a vossa festa que não seja, procurando-a, no calor da vossa generosidade.

Quem é médico e socorre, o melhor que pode, o seu semelhante fazendo, embora sacrifícios, cumpre o seu dever; e se não merece o esquecimento dos que, alguma vez, ajudou em qualquer travessia de aflição, também não me parece que seja credor de girândolas retumbantes pelo facto de não ter traído a ética do ofício.

Quem abraçou a missão de socorrer o homem doente e de, para além das misérias físicas tem de lhe abordar as ressonâncias psíquicas e morais que a enfermidade determina, tem de estar couraçado para actos de sacrifício e de renúncia. E, se vacila um momento em os praticar, está a cair em pecado mortal — no pecado mortal de trair a sua missão.

Mas seria milagre que ao longo de 45 anos de jornadas a auscultar o ritmo do coração do semelhante e a tentar a analgésia das suas dores, não tivesse deixado lacunas na humanidade com que o abordei.

A fadiga de certas horas, ao enfado de certos momentos, aos caprichos do temperamento, debito a responsabilidade de, em alguns momentos aziagos, não ter corroborado o laudano que despejei sobre os espasmos, com o gesto macio e com a palavra emoliente que lhe eram devidos.

Mas, por isso, bato aqui no peito a «mea culpa» perante vós que vindes após esta longa jornada, enxugar-me o suor dos cansaços com o linho fresco da vossa bondade e dizer-me, misericordiosamente, que não foi, de todo, inútil a minha labuta.

A Assistência Pública através dos tempos

Continuação da 1.ª página

a Idade Média; ao longo das velhas vias romanas ou dos caminhos de peregrinação, surgem casas de hospitalidade e assistência. Também os Árabes não descuram este aspecto da sua vida social. É conhecido um hospital do Cairo, com secções separadas para homens e mulheres, e segundo as várias especialidades.

Conhecem-se pormenores precisos sobre a arquitectura e regulamentos dos hospitais medievais, bem como inúmeros particulares da vida hospitalar em cidades italianas e francesas. O Hotel Dieu, de Paris; o de Burgos e o de Compostela — criados pelos Reis Católicos; o do Cardeal, em Toledo; Santa Maria Nova, de Florença, e o de Santa Maria della Scala, em Siena — bem como, posterormente, o de Todos-os-Santos, de Lisboa, — tiveram nome e prestígio em toda a Europa.

Em Portugal, desde o dealbar da Nacionalidade, a assistência pública revestiu-se de vários matizes, tomando diversos aspectos e nomes. A rainha D. Beatriz, mulher de D. Afonso III, dedicou-se à protecção aos órfãos, fundando o «Colégio dos Meninos Órfãos», o mais antigo orfanato de que há memória em Portugal. A «pobreza envergonhada» requeria atenções especiais; D. Afonso IV não a ignora e deixa um legado para a fundação das primeiras «mercearias». São da iniciativa deste rei aquelas que surgiram em Lisboa, administradas pela «Mesa da Consciência», junto à Ribeira, na Sé, na Madalena e na Trindade. A lepra era um mal atroz na Idade Média; para esses doentes disformes e repelentes criam-se as «gafarias», muito numerosas até aos fins do século XIV. Os reis portugueses davam muita atenção a esta forma assistencial, não a esquecendo nos seus testamentos. Curiosamente, nota-se já neste sector uma tendência para a oficialização da assistência, pois essas casas eram administradas directamente por delegados reais. As corporações também protegeram com desvelo os leprosos e as respectivas gafarias.

Os peregrinos suscitaram à realeza e a particulares a criação de «albergarias» que, por vezes, também serviam de hospital. Atribui-se à rainha D. Teresa a fundação de várias casas destas, em Lamego e em Albergaria-a-Velha. Dona Mafalda, mulher de D. Afonso Henriques, foi a fundadora de uma albergaria em Canavezes e outra em Albergaria-das-Cabras. A Santa Isabel, mulher de D. Dinis, ficaram-se a dever as de Alenquer e de Estremoz. A acção das ordens religiosas foi notável neste capítulo; a de Cister, em Alcobaça, recebia peregrinos pobres e estrangeiros, a quem se distribuía pão e medicamentos. A ordem da Santíssima Trindade sustentava uma albergaria em Lisboa e outra em Santarém; na primeira destas cidades e em Cacilhas existiam as dos «Palmeiros», para peregrinos ingleses. Além das ordens religiosas e militares, os concelhos e confrarias de mesteres possuíam, também, as suas albergarias e hospitais. Estes últimos começaram a sua existência junto das primeiras. Desde muito cedo que os Hospitalários, Templários e monges da ordem do Rocamador se dedicaram, no nosso país, a este tipo de assistência pública.

Aliás, os nossos primeiros reis não descuraram essa feição assistencial; atribui-se ao fundador da Nacionalidade, ou a seu filho D. Sancho, a fundação do hospital do Porto, e à rainha Santa Isabel o de Torres Vedras. Muitas destas casas ficaram a dever-se à iniciativa de pessoas de sangue real ou a particulares abastados. Assim, é atribuída à pessoa do Infante D. Pedro a fundação de um hospital em Aveiro, em 1443; o de Santo Elói, na capital do reino, a Domingos Jardo; e o de Jesus Cristo, em Santarém, a um legado de João Afonso, conselheiro de D. João I. Também neste sector não se pode esquecer a acção dos concelhos e das confrarias de mesteres, a quem se deve a fundação de hospitais em Lisboa: o dos Carpinteiros da Ribeira, o dos Pescadores, o dos Escolares, o dos Ourives, etc. Em Torres Vedras, Portalegre e Leiria surgiram casas hospitalares deste tipo; e por toda a costa, as confrarias de mareantes não descuraram a assistência aos seus associados.

Façamos aqui uma paragem, para nos debruçarmos sobre uma das organizações particulares que maior auxílio prestou ao seu semelhante nos séculos XIII-XIV-XV: — as confrarias. Por este nome eram designadas as associações voluntárias em que se agrupavam os «irmãos» para se auxiliarem mutuamente, tanto no campo material como no espiritual. A afinidade de profissão conduziu ao agrupamento de ofícios na mesma confraria, sendo esta regulada por um compromisso. Esta solidariedade havia de se comprovar, de forma mais eficiente e activa, na criação e manutenção de pequenos hospitais para socorro e agasalho dos seus mesteirais. Embora possuindo carácter religioso, cabia à «bandeira» uma função de aspecto cívico: — a de representar um ou mais ofícios junto da administração autárquica ou de outros grupos sociais. Estas confrarias regiam-se por estatutos ou compromissos públicos — sendo estes a expressão da vontade dos «irmãos».

HONORINDA CERVEIRA

INSTITUTO DA RIA

Continuação da 1.ª página

temente que fez aparecer no «Diário da República» de 6 de Março passado o Decreto-Lei n.º 41/79. Seja quem for esse Alguém, há que conhecê-lo e ligá-lo às horas dos grandes acontecimentos aveirenses! O Decreto-Lei é subscrito pelo Ministro da Agricultura. Não terá ele, como bom murtoseiro, rasca na assadura? Teriam tido alguma influência no processo as garças atrás referidas? Não sabemos, mas quase apostaríamos na afirmativa, até porque elas estão expressamente citadas no Decreto-Lei agora publicado.

Seja como for. Foi criada a Reserva Natural das Dunas de S. Jacinto, estabelecidos os seus limites e definidas zonas com utilização específica:

- — Reserva de recreio com zonas de praia e zona de mata;
- — Reserva natural parcial (área florestal);
- — Reserva integral para a zona de dunas estabilizadas, zona de areal e área de nidificação da colónia de garças.

Superintendem na Reserva:

- — Director;
- — Conselho Geral;
- — Comissão Científica;
- — Serviços técnicos.

A Comissão Científica, órgão consultivo para questões culturais e científicas e representada no Conselho Geral, é a meu ver a que deve orientar a acção a desenvolver na Reserva. Dela farão parte:

- — O Director;
- — **Representantes indicados pela Universidade de Aveiro;**
- — Representantes do Núcleo Português de Estudo e Protecção da Vida Selvagem.

Eis o objectivo do nosso trabalho:

Estando a Universidade de Aveiro metida até o tutano (Representantes, no plural) na Comissão Científica da Reserva e devendo ser tratados problemas de todos os ramos das Ciências Naturais, isto é, botânica, zoologia, mineralogia, geologia, ecologia e ambiente, estaremos ou não a assistir ao nascimento do **Instituto da Ria?**

Sou um devoto desta futura instituição e até da própria designação, desde que em 17 de Setembro de 1971 apareceu no jornal «A Capital» um artigo meu assim intitulado. A ideia assentou bem e o nome ainda melhor por, na sua simplicidade, conter uma força extraordinária.

Certamente por esse motivo, fui solicitado para versar o tema e fi-lo em «O Comércio do Porto» de 22 de Fevereiro último. Foi tal o entusiasmo que até já localizei o Instituto e agreguei-lhe, além das funções científicas e de investigação, as desportivas, em ânsia de ver os nossos jovens estudantes voltados para os desportos aquáticos, tão belos e saudáveis.

Sonhar até que a obra nasça é atitude de que nunca me cansarei.

Avante, pois, pelo **Instituto da Ria!**

ORLANDO DE OLIVEIRA

HELICÓPTERO NO HOSPITAL

Em frente do banco de urgência do Hospital Distrital, na plataforma para o efeito existente, pousou há dias, pela primeira vez, um helicóptero, transportando uma criança de dois anos de idade, Marco Paulo Vieira Fernandes, para o Hospital Universitário de Coimbra.

Marco, de nacionalidade espanhola, vive na Costa Nova, com os pais, e o «heli» que o transportava tentara, antes, descer no estádio Mário Duarte. Motivo da «viagem»: a criança ingerira, por os encontrar à mão, comprimidos em excesso. — **A.M.**

DAR SANGUE É UM DEVER

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sexta	SAÚDE
Sábado	OUDINOT
Domingo	NETO
Segunda	MOURA
Terça	CENTRAL
Quarta	MODERNA
Quinta	ALA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

QUARTEL NOVO PARA BOMBEIROS VELHOS

Está já decidido que o novo quartel dos Bombeiros Velhos será construido em terrenos do Fundo de Fomento da Habitação, em Santiago, na chamada «Cidade satélite» de Aveiro.

Assim, a partir da cedência dos terrenos, fácil é admitir que, dentro em breve, os abnegados Bombeiros Velhos começarão... vida nova.

PATRIMÓNIO CULTURAL DE AVEIRO

Com o pedido de publicação, foi-nos entregue o seguinte

COMUNICADO

Conforme notícia divulgada pelos órgãos de informação, reuniu-se, no passado sábado, dia 7 de Abril, um grupo de interessados na Defesa do Património Cultural e Natural da nossa Região.

Foi decidido convocar nova reunião para o dia 21 de Abril, sábado da próxima semana, pelas 14 h. e 30 m., na Escola Secundária de Homem Cristo, (na Praça da República), para apreciação e eventual aprovação dos respectivos estatutos.

A tua presença é necessária para dar força a esta luta.

Aparece.

A. N.

N. da R. — **Alguns dos nossos leitores têm-nos interpelado sobre o assunto em epígrafe, aliás já trazido a estas colunas, e pelo mesmo autor do presente comunicado (cf. «Litoral» de 30 de Março findo). Impõe-se-nos esclarecer que, por louváveis que sejam os propósitos expressos nos textos em causa, nada têm eles a ver com o preconizado NÚCLEO DE ESTUDOS AVEIRENSES, na Imprensa tantas vezes referido, e que presentemente se encontra em fase de concretização.**

O MDP/CDE REALIZA EM AVEIRO O SEU ENCONTRO NACIONAL DE DELEGADOS

Terá lugar, no próximo dia 22, no Ginásio da Escola Comercial e Industrial (Mário Sacramento), de Aveiro, o Encontro Nacional de Delegados do Movimento Democrático Português — MDP/CDE.

O Encontro, que se inicia às 10 horas da manhã e deve prolongar-se por todo o dia, abordará problemas de interesse nacional e partidário, tais como, entre outros: Actividades do Partido; Eleições para as autarquias, a realizar em Dezembro próximo; Análise da situação política nacional.

Este Encontro insere-se nas comemorações do 10.º aniversário do MDP/CDE que ocorre este ano e terá em Aveiro a sua primeira manifestação.

No comunicado que nos foi enviado, acentua-se: «Dada a importância dos assuntos a debater e o desenvolvido crescimento do MDP/CDE que está a verificar-se por todo o país, como são exemplo o reforço das posições da Aliança Povo Unido (APU), de que o MDP/CDE faz parte, nas eleições a que tem concorrido ultimamente, é de prever grande interesse e afluência de militantes e delegados de todo o país ao referido Encontro».

Um apelo do CLUBE DOS GALITOS com vista a uma RETROSPECTIVA DO PINTOR MANUEL TAVARES

Integrada nas Comemorações dos 75 Anos do Clube dos Galitos, vai-se realizar no Salão Cultural da Câmara Municipal de Aveiro, de 19 de Maio a 3 de Junho de 1979, uma mostra de trabalhos do conhecido pintor aveirense MANUEL TAVARES, artista emérito, considerado entre os melhores aguarelistas portugueses do nosso tempo.

Propõe-se o Clube dos Galitos organizar uma exposição significativa da sua obra, para o que pede a todas as pessoas que tenham em seu poder trabalhos deste artista e estejam dispostas a cedê-las para este acontecimento, que contactem com qualquer elemento da Direcção deste Clube até 30 de Abril corrente.

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

— Teatro Aveirense

Quinta-feira, 12 — às 21.30 horas; Sexta-feira, 13, Sábado, 14 e Domingo, 15 — às 15.30 e 21.30 horas — O VINGADOR APAIXONADO — Interdito a menores de 13 anos.

Domingo, 15 — às 11 horas, manhã infantil — FUGA PARA A MONTANHA MÁGICA — Para todos.

— Cine Teatro Avenida

Quinta-feira, 12 — às 21.30 horas — AO OMBRO... SAIAS — Interdito a menores de 13 anos.

Sexta-feira, 13 — às 21.30 horas e Sábado, 14, — às 15.30 e 21.30 horas — HOLOCAUSTO 2000 — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Domingo, 15 — às 17.30 horas, matinée clássica — AS AVENTURAS DE RABI JACOB — Grupo B — 10 anos.

Domingo, 15 — às 15 e 21.30 horas; e Segunda-feira, 16 — às 21.30 horas — O REGRESSO DOS HERÓIS — Interdito a menores de 13 anos.

Terça-feira, 17 — às 21.30 horas — PARTIDAS DOBRADAS — Interdito a menores de 18 anos.

Numa homenagem ao Eng.º Antas Martins, foram focados importantes problemas respeitantes à REGIÃO DE AVEIRO

Com a presença do Presidente da Junta Autónoma de Estradas, Brig.º Almeida Freire, do Vice-Presidente, Eng.º Faria Gouveia, e dos presidentes dos municípios de Aveiro, Albergaria-a-Velha e Vagos, além de outros qualificados representantes de diversas entidades, foi homenageado, no dia 31 de Março último, no decurso de um almoço, que teve lugar no Hotel Imperial, o Eng.º Manuel Furtado de Antas Martins, que, a seu pedido, como aqui oportunamente noticiámos, deixou as elevadas funções de Director de Estradas do Distrito de Aveiro, para ir exercer, no Porto, o cargo de Engenheiro-Acessor dos Serviços Regionais de Estradas do Norte.

A homenagem deve-se à iniciativa de trabalhadores locais, tendo à frente o desenhador Rolando Antunes Marques, que entenderam dever testemunhar ao homenageado todo o apreço que lhes mereceu durante o tempo que zelosamente serviu em Aveiro.

Na altura, o homenageado, depois de evocar a sua passagem por aqui, e o empenho que pôs na dinamização das actividades a seu cargo, lembrou que o Brig.º Almeida Freire conseguiu ver aprovada a reestruturação, pela qual tanto lutara, da J.A.E. E também vieram a lume importantes problemas respeitantes à região aveirense, designadamente: a estrada Aveiro-Murtosa, a estrada Aveiro-Vilar Formoso e os acessos à nossa cidade. Sobre estes prementíssimos temas, o Brig.º Almeida Freire assegurou que: quanto ao primeiro, existe projecto devidamente aprovado, apenas se esperando meios financeiros para o arranque da obra; quanto à estrada Aveiro-Vilar Formoso, trata-se de uma realidade irreversível, tendo-se feito o estudo prévio, entrando-se agora na elaboração do projecto definitivo; e, quanto aos acessos à cidade, já está o respectivo projecto em mãos de quem há-de realizá-lo.

Em Ílhavo 4.º ENCONTRO DA CANÇÃO POPULAR

A exemplo dos anos anteriores, a Secção Cultural do Illiabum Clube, fiel à linha de rumo que vem traçando desde o início, vai realizar em Ílhavo o 4.º Encontro da Canção Popular, com o objectivo de proporcionar aos muitos autores e intérpretes ainda desconhecidos do público uma via para a divulgação das suas canções, e para o que desde já conta com a colaboração de todos os interessados na divulgação da música interveniente.

REGULAMENTO

1.º — O 4.º Encontro da Canção Popular tem como objectivo fundamental incentivar a criação de canções que falem dos problemas reais do povo e do país em que estamos, das suas lutas e aspirações, daquilo que determina o nosso dia-a-dia.

2.º — Serão aceites neste *encontro* apenas canções *inéditas*.

3.º — Apenas poderão participar autores e intérpretes não profissionais.

4.º — Todos os interessados em colaborar neste *encontro* deverão enviar uma gravação das canções, acompanhada do poema dactilografado e da identificação dos autores e intérpretes para: 4.º Encontro da Canção Popular (Secção Cultural do Illiabum Clube), Rua Direita, 53 — 3830 Ílhavo, até 21 de Maio de 1979, impreterivelmente.

5.º — Das canções recebidas serão apuradas as que mostrarem ter suficiente qualidade visando os objectivos principais do *encontro*.

6.º — Não haverá número limite estabelecido como obrigatório para as canções escolhidas.

7.º — As canções seleccionadas serão apresentadas em público pelos seus intérpretes no dia *6 de Julho de 1979*, em Ílhavo, em salão a designar.

8.º — Destas canções apresentadas nenhuma sairá vencedora, pois não haverá qualquer competição, recebendo todas elas *prémios de presença*.

9.º — O acompanhamento instrumental fica ao cuidado de cada participante.

10.º — As eventuais despesas de deslocação e estadia serão de conta dos participantes, não se comprometendo a organização pelo seu pagamento.

11.º — Considerando que este *encontro* não tem objectivos lucrativos, do *possível* lucro obtido (após a cobertura das despesas de organização), uma parte reverterá a favor da Biblioteca do Illiabum Clube e outra será distribuída pelas canções participantes.

12.º — Qualquer caso omisso ao presente regulamento será resolvido pela Secção Cultural do Illiabum Clube.

«OPERAÇÃO PIRÂMIDE» — CONTAS DE AVEIRO

Em conferência de Imprensa, o Presidente da Delegação aveirense da Cruz Vermelha Portuguesa, Coronel António Cândido Patoilo Teles, apresentou as contas distritais da «Operação Pirâmide», cujo total geral (incluindo o valor atribuído às mais diversas dádivas) foi de 5 717 149$00, dos quais 2 713 229$60 em numerário e em depósitos bancários. Cinquenta por cento desta última verba ficarão por Aveiro, para integrar no plano habitacional que a Cruz Vermelha Portuguesa entendeu promover e realizar.

Entretanto, desde o Natal de 1978, a Delegação de Aveiro da Cruz Vermelha Portuguesa já atendeu 95 agregados familiares, beneficiando 708 pessoas, só na sua sede, com a entrega de cerca de 15 mil peças de vestuário e calçado, além de géneros alimentícios, leite, cobertores, mobiliário, utensílios de cozinha, etc. Para os concelhos seguiram lotes de donativos, não tendo ainda sido beneficiados Vila da Feira, Vale de Cambra e Arouca, por falta de transporte.

No que respeita à participação, em numerário, dos diversos concelhos do nosso Distrito, o primeiro lugar coube a Oliveira de Azeméis (com 1 059 contos), seguido de Aveiro (1 056 contos), S. João da Madeira (823 contos), Espinho (706 contos) e Vila da Feira (567 contos). — A. M.

VEM AÍ O «ESPECTACULAR» DA RÁDIO RENASCENÇA

É no dia 16 de Junho próximo que a Rádio Renascença apresenta, no Teatro Aveirense, o seu «Espectacular», autêntica festa com a participação de artistas de variedades, consagrados a nível nacional. Esse espectáculo integra-se na campanha de recolha de fundos que a R. R. está a promover para aquisição de novo e mais moderno e potente material para as suas emissoras.

Vem a propósito salientar que nem em todas as paróquias desta Diocese se está a processar o melhor possível a venda dos títulos Rádio Renascença.

A. M.

«JOGOS SEM FRONTEIRAS» EM PREPARAÇÃO

Com 168 candidatos (entre os quais 29 do sexo feminino), encerraram as inscrições para os «Jogos sem Fronteiras», tendo já começado as provas classificativas, que proporcionarão a formação da equipa que representará Aveiro naquelas populares competições televisivas europeias.

O número de inscrições excedeu as mais optimistas expectativas da organização, e as provas classificativas têm sido disputadas com grande entusiasmo e sentido de camaradagem.

Acrescente-se, a título de curiosidade, que se inscreveram elementos das mais diversas profissões, tais como: advogados, professores de educação física, estudantes, empregados comerciais, professores do ensino secundário, etc.

Entretanto, podemos acrescentar que tem sido caloroso o acolhimento que empresas de praticamente todo o Distrito têm dispensado à presença de Aveiro em terras de França, tendo manifestado a disposição de contribuir, com produtos de cariz tanto quanto possível regional, para o «cabaz de presentes» que cada concorrente tem de levar, para oferecer aos seus colegas internacionais.

Espera-se, pois, que Aveiro marque presença de destaque nos «Jogos sem Fronteira», de modo a que a nossa participação resulte em prestígio para todo o Distrito. — A. M.

POLUIÇÃO DE CACIA PREOCUPA GOVERNANTE

O Coronel Morais Barroco, Secretário de Estado do Ordenamento Físico e do Ambiente, esteve há dias na zona de Cacia, tendo revelado aos jornalistas que «se pensa transformar o açude que todos os anos ali se faz e se desfaz, num outro com características definitivas, para regular a altura da água de um e outro lados e, simultaneamente, com grande benefício para a utilização da água de todo o Baixo Vouga».

No decurso da sua visita, o governante inteirou-se de problemas relacionados com a poluição atmosférica e hídrica que afecta a referida zona, assim como tomou conhecimento de como se processa o abastecimento de água à Portucel, principalmente no Verão.

A. M.

ESTRANGEIROS NO NOSSO DISTRITO

No decurso de uma conferência de Imprensa, realizada na Delegação Regional de Aveiro do Serviço de Estrangeiros — com a presença do Capitão Cruz Mendes, Chefe do Gabinete Regional do Centro, Tenente Eduardo Soveral, Delegado Regional de Aveiro, e Comandante interino da PSP, Comissário António José Pereira — foi salientado que, no fim de 1978, residiam no Distrito de Aveiro 1588 estrangeiros, ocupando as mais diversas ocupações sociais.

O Capitão Cruz Mendes reafirmou o propósito de manter e incrementar as melhores relações com os órgãos da Informação, de modo a que chegue junto do público a melhor elucidação possível acerca da acção e finalidade do Serviço de Estrangeiros. E chamou a atenção para o facto da especial atenção que merece o Distrito de Aveiro, exactamente pelo número de estrangeiros que nele habitam. Salientou, ainda, que mais do que fiscalizá-los interessa ao Serviço assisti-los e apoiá-los, nomeadamente quanto à respectiva legalização. Considera, por outro lado, ser bastante salutar o processo de integração dos estrangeiros no Distrito de Aveiro, que se verifica ser fácil e normal, de acordo com o carácter hospitaleiro das gentes da região.

Por sua vez, o Tenente Eduardo Soveral proporcionou elementos estatísticos acerca do movimento de estrangeiros em 1978, que reflectem o cuidado posto no conhecimento tão exacto quanto possível daqueles valores.

Assim, residiam então no Distrito: em Aveiro, 200 estrangeiros; Murtosa, 198; Vila da Feira, 184; Ovar, 141; Estarreja, 110. Por nacionalidades: americanos, 33%; venezuelanos, 28%; brasileiros, 25%; outras nacionalidades, oito por cento.

Do total registado de 1588 estrangeiros residentes no Distrito de Aveiro, 60% são homens. Por profissões: 39% (619 pessoas) são estudantes; 19,4%, domésticas; 11%, reformados; 9,2%, operários; 3,13%, comerciantes; 2%, sem profissão; 1%, futebolistas; e outros tantos agricultores.

Cerca de 45% dos estrangeiros residentes no Distrito têm entre 14 e 25 anos; 24%, mais de 60; 20%, entre 26 e 45 anos; 11%, entre 46 e 60 anos.

A. M.

MONITORES ADMINISTRATIVOS — Encontro na GAFANHA DA NAZARÉ

Com a colaboração da Direcção Regional da Beira Litoral, decorreu, no Centro de Formação Profissional da Colónia Agrícola da Gafanha da Nazaré, um encontro de monitores administrativos do Ministério da Agricultura e Pescas.

Participaram 32 elementos nesse encontro, que terminou na quarta-feira passada, constituindo «o primeiro passo no âmbito da institucionalização da formação nas Direcções Regionais em moldes actuais, sem profissionalizar a função, mas praticando-a, no intuito da imediata e imprescindível valorização da carreira e, consequentemente, da melhoria estrutural e funcional dos serviços».

Os técnicos José Ulisionário, da Secretaria Geral, Carlos César Gonçalves, da EDP, Fragoso Pires, do Instituto Geográfico e Cadastral, Cunha e Sá, da Direcção Regional da Beira Litoral, Fernando Fragata, da Divisão de Formação do MAP, e Adelino Carvalho, da Direcção Regional de Entre Douro e Minho asseguraram a assistência aos trabalhos, nomeadamente no esboço de manuais, metodologia e orientação a seguir.? A. M.

PLANO DIRECTOR APRESENTADO AOS AVEIRENSES

A população de Aveiro poderá, no dia 20 do corrente, à noite, ver e discutir com os técnicos responsáveis e o seu Presidente da Câmara Municipal a primeira proposta do Plano Director da Cidade, que, aliás, já foi apresentado à Imprensa e está patente desde o dia 9 do corrente.

Foi o Prof. Arquitecto Augusto Brandão, da Macroplan (empresa que elaborou o trabalho em questão), quem prestou então os respectivos esclarecimentos básicos, no decurso de um informal acto a que presidiu o Secretário de Estado do Ordenamento Físico e do Ambiente, Coronel Morais Barroco e a que assistiram também o Governador Civil, Eng.º Joaquim Mendonça e os Presidente e Vice-presidente do Município, respectivamente, Dr. Girão Pereira e prof.ª D. Eneida Cristo Cerqueira, além de outros convidados, entre os quais o Director da Junta Autónoma do Porto de Aveiro, Eng.º João Barrosa.

O referido Secretário de Estado manifestou bastante interesse pelo trabalho apresentado, que considerou de alto valor, lamentando, simultaneamente, que outros municípios do País não se abalancem a idênticas iniciativas.

Oportunamente, esperamos poder oferecer aos nossos leitores pormenores relacionados com o Plano Director, cuja versão definitiva deverá estar pronta em Setembro próximo.

A. M.

ASSEMBLEIA MUNICIPAL APROVOU AUMENTO DAS TARIFAS DE ÁGUA

Tal como previamos na nossa anterior edição, a actualização das tarifas de água foi o «ponto quente» da última sessão da reunião da Assembleia Municipal. E, como também era de esperar, confirmou-se o respectivo aumento. Atendendo a que, entretanto, os elementos da A. M. já dispunham de pormenores suficientemente esclarecedores sobre o assunto, a respectiva discussão foi rápida, tendo a decisão do aumento sido aprovada por 16 votos a favor e duas abstenções.

Apresentamos, a seguir, os novos preços da água no Concelho, de acordo com as categorias dos consumidores e escalões de consumo:

Consumo doméstico: de 0 a 5 metros cúbicos: 6$50; de 5 a 10 metros cúbicos: 9$00; de 10 a 15 metros cúbicos: 12$50; de 15 a 25 metros cúbicos: 20$00; mais de 25 metros cúbicos: 30$00. Estabelecimentos comerciais, escritórios ou outros semelhantes: 9$00. Estabelecimentos industriais: 7$50. Instituições de beneficência, agremiações culturais e desportivas e colectividades de interesse público: 6$50. Serviços do Estado: 9$00. Serviços dos corpos administrativos: 6$50.

Além disso, e «para garantia do equilíbrio económico de exploração» é fixado o consumo mensal mínimo obrigatório de três metros cúbicos para todos os consumidores.

Sem grandes discussões, foram aprovados o Relatório e contas da Gerência Municipal de 1978, assim como os orçamentos suplementares da Câmara e do Turismo. — A. M.

FALECERAM :

● Com 72 anos de idade, faleceu, no dia 24 de Março findo, no estado de solteira, a sr.ª D. Maria da Assunção Ferreira da Silva.

A saudosa extinta, que residia ao n.º 6 da Rua de Magalhães Serrão, foi a sepultar no Cemitério Central.

● No mesmo dia 24, faleceu a sr.ª D. Ana Rita de Oliveira Pita, que contava 44 anos de idade. Era viúva do saudoso Henrique Maria Vieira dos Santos; mãe da sr.ª D. Adelaide de Oliveira Santos e dos srs. José Maria e Alberto de Oliveira Santos; e irmã das sr.as D. Rosa e Maria do Carmo de Oliveira Pita e do sr. Aurélio de Oliveira Pita.

Após missa na capela de São Gonçalinho, foi a sepultar, no dia 26, no Cemitério Sul.

● Com 53 anos de idade, faleceu, no dia 28, o sr. Henrique da Costa Praça de Almeida, que residia em Aradas, indo a sepultar, no dia imediato, após missa na capela de São Gonçalinho, no Cemitério Sul.

O saudoso extinto, probo e competente industrial do ramo automóvel, deixou viúva a sr.ª D. Maria Alice Tavares dos Reis.

● No mesmo dia 28, faleceu o sr. João da Graça Reis, que residia ao n.º 34 da Rua do Visconde da Granja.

O saudoso extinto era casado com a sr.ª D. Maria Luísa Matos dos Santos; pai da sr.ª D. Maria Helena Matos dos Santos Reis, sogro do sr. Jaime Augusto Lopes Agudo e irmão dos srs. Jeremias e António dos Reis da Rosária. Contava 65 anos de idade.

Após missa na igreja de Santo António, foi a sepultar, no dia imediato, no Cemitério Sul.

● Deixando viúvo o guarda (reformado) da G. N. R., sr. Raul da Silva Pereira, faleceu a sr.ª D. Celestre Estrela da Silva Abreu, que foi a sepultar, no dia 29, da Igreja Evangélica, na Rua do Eng.º Oudinot, para o Cemitério Sul.

A saudosa extinta era mãe das sr.as D. Maria Eugénia Abreu Pereira Garcia, D. Maria Isabel Abreu Pereira Gomes e D. Maria Emília Abreu Pereira e do sr. Fernando Henrique Abreu Pereira.

● No dia 30, com a provecta idade de 83 anos, faleceu o sr. Manuel dos Santos, que morava ao n.º 13 da Rua de Hintze Ribeiro.

O venerando extinto, que foi a sepultar no Cemitério Central, era viúvo da saudosa Alexandrina de Pinho das Neves.

● Na sua residência, ao n.º 17 da Rua de Sá, faleceu, no mesmo dia 30, o sr. Rubens Simões da Silva.

O saudoso extinto, que contava 76 anos de idade, deixou viúva a sr.ª D. Maria de Lurdes Pinto Calisto.

Foi a sepultar no Cemitério Central.

● Também em 30 de Março, faleceu o sr. Amadeu Ferreira Estimado que, durante mais de quatro décadas, serviu zelosamente e proficientemente no Liceu de Aveiro, tendo conquistado, por parte de gerações de professores e alunos, a amizade e consideração a que davam jus as suas preclaras virtudes e qualidades.

Contava 84 anos de idade e era viúvo da saudosa Maria da Apresentação Páscoa Ferreira Estimado; e pai da sr.ª D. Maria Cândida e do sr. José Ferreira Estimado.

Foi a sepultar no dia imediato, após missa de corpo-presente na capela da Senhora das Febres, no Cemitério Sul.

● No dia 31, com 68 anos de idade, e no estado de viúva do saudoso Joaquim Pinho das Neves, faleceu vitimada por acidente vascular cerebral, a sr.ª D. Maria do Carmo das Neves, que residia ao n.º 17 da Rua de Eça de Queirós.

A saudosa extinta foi a sepultar no Cemitério Sul.

● No dia 2 de Abril corrente, foi a sepultar no Cemitério Sul a sr.ª D. Maria das Dores Ferreira das Neves, após missa na igreja de Santo António.

A saudosa extinta era mãe das sr.as D. Maria Amélia Ferreira Pinho das Neves, D. Fernanda Maria Ferreira Pinho das Neves Campos Henriques e D. Maria Eugénia Ferreira Neves de Melo; e sogra dos srs. Jorge Manuel Campos Henriques e Manuel Ferreira de Melo.

● Com 72 anos de idade faleceu, no dia 3, o sr. Isaías de Lemos, ferroviário reformado, que residia ao n.º 101 da Rua do Gravito.

O saudoso extinto deixou viúva a sr.ª D. Maria da Silva Pereira; era pai do sr. João Pereira de Lemos; e irmão da sr.ª D. Lídia de Lemos e dos srs. Artur Rodrigues de Lemos e Fábio Marques de Lemos.

Após missa na igreja de Santo António, foi a sepultar, no dia imediato, no Cemitério Sul.

● No mesmo dia, faleceu o sr. Mário de Sequeira Belmonte, no estado de viúvo da saudosa Otília Limas Belmonte. Morava ao n.º 10 da Rua Barbosa de Magalhães.

Muito conhecido e estimado por quantos lhe conheciam as raras virtudes e qualidades, o saudoso extinto, que contava 73 anos de idade, era pai da sr.ª D. Emília Maria Limas Belmonte Pessoa da Fonseca Leitão e do sr. Luís Mário Limas Belmonte Pessoa; e irmão da sr.ª D. Julieta Sequeira Belmonte Pessoa.

Após missa na igreja de Santo António, foi a sepultar, no dia imediato, no Cemitério Sul.

As famílias em luto, os pêsames do Litoral

DESPORTOS

BASQUETEBOL

Classificações finais

Série A	J	V	D	Bolas	P
OVARENSE	12	12	0	1235-629	24
ESGUEIRA	12	9	3	954-711	21
Cedofeita	12	5	7	751-901	17
F.º d'Holanda	12	5	7	723-875	17
Ed. Física	12	5	7	679-827	17
Bairro Latino	12	5	7	710-869	17
Sp. Figueir. (a)	12	1	11	614-854	11

(a) — **averbou duas faltas de comparência**

Série B-1	J	V	D	Bolas	P
BEIRA-MAR	10	8	2	732-540	18
Coimbrões	10	7	3	610-585	17
Visar	10	6	4	740-642	16
M. China	10	6	4	662-672	16
Oliv. Douro	10	2	8	588-682	12
Sp. Covilhã	10	2	9	532-743	11

Série B-2	J	V	D	Bolas	P
Gaia	10	8	2	707-558	18
SANJOANENSE	10	8	2	827-657	18
B. P. Atlântico	10	7	3	732-638	17
Desp. Covilhã	10	4	6	647-735	14
U. Leiria	10	2	8	566-694	12
Desp. Leça	10	1	9	648-843	11

Mercê destas destacadas posições obtidas, os clubes da Associação de Aveiro asseguraram a presença na fase seguinte — cujos moldes de disputa não conhecemos integralmente — de dois dos quatro que tomaram parte na fase de qualificação: OVARENSE (invicto triunfador na Série A) e BEIRA-MAR (meritório vencedor da Série B-1). E poderíamos muito bem ter outro grupo na próxima etapa do campeonato — em que se apurarão as equipas que ascendem à II Divisão — se a SANJOANENSE, na Série B-2, não viesse a ser afastada, do directo desempate por cesto-«average» com o Gaia, apenas por um ponto! De facto, entre ambos, os gaienses triunfaram por 62-54 e perderam por 62-69... Seria um êxito em pleno dos representantes aveirenses...

VISAR-SUPER, 79
BEIRA-MAR, 87

Jogo no Pavilhão do Fontelo, em Viseu, na noite de sábado, sob arbitragem ds srs. Artur Mota e Álvaro Silva, da Comissão Distrital da Guarda.

Alinharam e marcaram:

Visar-Super — Henrique (21), Mário (8), Octávio (10), Pinheiro, Moacho (23), Sequeira, Vila (11), Jorge (6) e Carlos Alberto.

Beira-Mar — Gamelas (10), Rui Mata (15), Padilha (4), Tó-Melo (24), Carlos Jorge (18), José Sarmento (1), Horácio (6), Amaral (9), Luís Sarmento e Luís Melo.

1.ª parte: 22-35. 2.ª parte: 38-25.

Em jogo com foros de decisivo para ambas as turmas — pois a que ganhasse garantiria o triunfo na série passando à fase seguinte —, a partida foi deveras empolgante.

Os aveirenses (depois de duas situações de desvantagem, logo de entrada, quando estiveram ultrapassados, à tangente e por uma «cesta», por 3-4 e 3-5) tiveram ascendente durante o período normal: atingiram o intervalo com treze pontos à maior e jamais voltaram a estar a perder. No entanto, uma forte reacção dos visienses, no declinar da partida, proporcionou-lhes recuperação sensacional, que os levou a repor a igualdade (60-60), no termo do tempo regulamentar.

Por isso, os grupos tiveram de realizar — o que deve ser pouco comum, ou mesmo inédito! — nada menos de três prolongamentos: subsistiram, de facto, novos empates (67-67) e 74-74) depois de se jogarem os períodos suplementares que as regras prevêem. E os beiramarenses só voltaram a impor-se e a garantir o seu trabalhoso e saboroso êxito no terceiro prolongamento!

a serem concretizados, bem cedo decidiram a sorte do prélio.

O jogo — que todo o País viu, via T.V. (e terá sido um dos melhores quanto a espectáculo, dos que na decorrente temporada foram televisionados em directo) — completou a ronda vinte-e-cinco, quando eram já conhecidos os desfechos de todos os restantes encontros da jornada (repartidos por sábado e por domingo).

O Beira-Mar — altamente prejudicado, por tabela-directa, pelo empate do Barreirense (no Estoril) e pelos triunfos do Famalicão (embora já esperado e tido como natural...) e do Marítimo (este, deveras sensacional...), respectivamente diante do Académico de Viseu e do Académico de Coimbra — quando pisou o relvado do Bonfim deveria, em unânime entendimento de quantos sentem a turma resvalar num plano inclinado rumo à divisão secundária, arriscar tudo-por-tudo, logo que o árbitro apitou para a partida se iniciar.

Deveria tentar ir em força para a ofensiva, à procura de golo(s) que lhe conferissem um triunfo — absolutamente necessário nesta decisiva fase do campeonato, «vingando-se» do desaire que sofrera, em Aveiro, na primeira volta, justamente ante um opositor que, mais uma vez se verificou, pertence ao «mesmo-campeonato-dos-aflitos» e denotou, a par-epasso, imensa insegurança no sector recuado...

Optando por sistema ou plano táctico diferente, o técnico do Beira-Mar ofereceu, de mão-beijada, o comando das operações aos sadinos. Fernando Cabrita — na tentativa de se precaver contra um inicial ímpeto atacante dos setubalenses — resolveu ser cauteloso (em excesso...) em vez de procurar ser audacioso (como se aplaudiria, mesmo que — do que nos permitimos duvidar, numa cómoda posição de intérpretes de acontecimentos que não podem alterar-se... — não viesse a colher os frutos da vitória desejada).

E o jogo foi isso. Os beiramarenses, defendendo-se bem (nuns quantos lances, de modo afortunado), aguentaram a pressão dos seus antagonistas — aliás, uma pressão que

Continuações da última página

teve efémera duração. Depois, paulatinamente, quando havia uma hora jogada, actuando-se já taco-a-taco, com acentuada pendência para vir ao de cima a melhor condição anímica e atlética dos «auri-negros», surgiu o primeiro golo do Vitória de Setúbal.

Só então, quando em desvantagem, o Beira-Mar passou, em bloco, ao ataque — saindo, inclusive, um dos defesas-centrais (Sabú), para dar lugar a mais um dianteiro (Garcês). Num punhado de jogadas, de cariz deliberadamente ofensivo, os beiramarenses mandaram no jogo, reagindo ao tento que sofreram, construindo — mas não concretizando, por manifesto azar — boa série de ocasiões de golo à vista (recordemos autênticas perdidas de Camegim, atrasado para emendar um centro, com a baliza deserta; de Niromar, a concluir sobre a barra excelente endosso de Manecas; de Sousa, num poderoso «tiro», que proporcionou a Silvino a defesa-do-jogo; um remate de cabeça de Germano, levando o esférico à barra; e ainda remates de Manecas e de Sousa, fazendo a bola cruzar toda a baliza, saindo rentes aos postes, com Silvino batido...)

Contra o que seria de esperar-se, dado que o empenho aveirense e a sua produção atacante (posto que foi de lado o «espartilho» com que a turma entrou em campo...), os locais, a dois minutos do termo do jogo, descansaram totalmente quando fizeram o 2-0, que seria o **score** para ficar na história... Uma história que, por certo, teria tido relato diferente se o Beira-Mar entrasse no rectângulo com outra disposição dos seus elementos... Assim mesmo, e porque, vezes sem conta, o empate esteve à beira de se concretizar, a divisão de pontos seria um prémio, que os futebolistas de Aveiro bem mereciam.

Arbitragem certa. Imparcial. Bem conduzida.

ANDEBOL DE SETE

Taça de Portugal

Mário Garcia (4), Élio (3), Alex (8), Ulisses (9), António Carlos (1), Helder (6), Marinho, Armindo, Vieira (1), e David.

Sismaria — Guerra (Jorge), Timóteo (3), Carlos Silva (5), Teófilo (6), Santos (1), Grant, Ribeiro e Violante (8).

1.ª parte: 17-9. 2.ª parte: 15-16.

Encontro sem história, pois a superioridade do S. Bernardo nunca esteve em causa. E a turma aveirense aproveitou isso mesmo para fazer rodar os seus normais elementos do banco, que, acusando falta de ritmo, consentiram golos em demasia aos seus antagonistas.

O Sismaria — equipa de futuro (que trouxe apenas três dos seus seniores nesta deslocação a Aveiro, no intuito de permitir experiência aos juniores que integrou na turma) — impressionou justamente pela já elevada craveira técnica de alguns dos seus jovens, designadamente Violante, Teófilo, Carlos Silva e Timóteo.

O jogo, sem quaisquer problemas disciplinares, concluiu com o esperado êxito da turma aveirense, que confirmou o favoritismo que se lhe atribuía e, assim, passou aos quartos-de-final da Taça.

D. M.

Moças do Beira-Mar

Aprocred — Elvira, Máxima (1), Fátima (1), Conceição (2), Lúcia (1). Octávia (10), Lena, Elisabete, Alice e Nanda.

Apesar da esforçada e voluntariosa réplica das cacienses — com a possante «meia-distância», Octávia, e a guarda-redes, Elvira, em plano de muita evidência — as beiramarenses bisaram o triunfo da primeira volta, concluindo invictas a presente fase do Nacional da I Divisão.

Será de referir ainda que as aveirenses jogaram desfalcadas de Ana Durão, Carmito e Isabel Santos e que a sua guarda-redes, Ofélia, alinhou em inferioridade física — o que, sem dúvida, afectou o seu sistema de jogo. No entanto, a supremacia das campeãs jamais esteve em causa.

Arbitragem aceitável. Em jogo sem problemas, e tratando-se de «dupla» já experiente, seria de esperar e de exigir trabalho mais afinado e mais equilibrado, sobretudo mais atento e com critério uniforme na marcação de castigos máximos — pormenor onde notámos algumas falhas. Tudo, porém, não invalida a atribuição de nota positiva ao trabalho produzido pelos juízes de campo.

Ecos do jogo da Selecção Nacional

mente com a bola, somaram pontos sucessivos, perante a inoperância dos portugueses — onde apenas Leiria, Rui Pinheiro e, a espaços, Lisboa puderam amenizar a diferença substancial de produção. Carregados de faltas, bem assinaladas, os americanos mostraram que, quando querem, também sabem jogar sem contactos desnecessários.

Houve quem discordasse da actuação dos árbitros, por orientarem o trabalho com sobriedade e dentro do espírito das Regras. Pretendia-se, pelos vistos, deixar passar sem julgamento muitas faltas só pelo facto dos americanos disporem apenas de seis elementos!...

Como se viu, o duo aveirense (Manuel Bastos e Francisco Ramos) estava dentro da razão. O jogo era jogo na verdade, além de mais um treino: por isso mesmo, os seleccionados estavam ali para trabalhar e não propriamente para tomar parte num hipotético «show»... E o público também terá saído satisfeito, porque pagou e não foi defraudado...

JOAQUIM DUARTE

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que em 2 de Abril de 1979, de fls. 78 a 80 do livro de escrituras diversas N.º B-103, deste Cartório, foi lavrada uma escritura de Justificação, em que Jeremias Pereira Alves e esposa Ester Pereira da Fonseca, casados sob o regime da comunhão geral de bens, moradores no lugar do Caião, freguesia de Esgueira, deste concelho, ele natural da freguesia da Glória, Aveiro e ela da freguesia de Seiça, concelho de Vila Nova de Ourém, declararam:

Ser dono, com exclusão de outrem, dos seguintes imóveis:

N.º 1 — Terreno destinado a construção urbana, com a área de 2.000 m2, aproximada, sito no Chão das Canas, do lugar de Azurva, a confrontar pelo norte com caminho público, sul com João Ferreira dos Santos, nascente com José Maria de Oliveira e poente com estrada nacional, inscrito na matriz predial rústica da freguesia de Esgueira, sob o art.º 1 886, com o valor matricial de 5.520$00 e omisso na Conservatória do Registo Predial deste concelho;

N.º 2 — Terra de cultura sita no Chão do Pinhal ou Caião, também da freguesia de Esgueira, deste concelho, a confrontar pelo norte com caminho público, sul com estrada, nascente com Jeremias Pereira Alves e poente com Manuel da Maia Palavra, inscrito na matriz sob o art.º 5 317, com o valor matricial de 2.080$00, também omisso na referida Conservatória.

A exclusividade do domínio por parte dos justificantes, relativamente a estes prédios resulta das escrituras de compra e venda lavradas neste Cartório, sendo a do primeiro iniciada de fls. 34 v.º do L.º B-93 e a do segundo iniciada a fls. 71 v.º do livro A-467 e vendedores, respectivamente, João Maria Marques da Graça e mulher Rosa Rodrigues Teixeira da Graça, moradores no dito lugar de Azurva e Manuel Afonso Barbosa Júnior e mulher Caetana Marques Barbosa, moradores no lugar de Alumieira, referida freguesia de Esgueira.

No entanto, estes vendedores não têm qualquer documento de que resulte a demonstração do seu direito de propriedade exclusiva sobre o prédio vendido por cada casal, muito embora seja certo que já na data da outorga das referidas vendas, os respectivos vendedores eram seus únicos proprietários por os possuírem há mais de 30 anos em nome próprio, de boa fé, sem a menor oposição de quem quer que fosse desde o início e sempre os fruiram como entenderam à vista de toda a gente, — adquirindo, assim, o direito à propriedade plena dos ditos imóveis por usucapião, circunstância esta que, pela sua natureza, impede a demonstração dos direitos, sobre cada um deles, de propriedade plena exclusiva pelos meios ou documentos normais.

ESTÁ CONFORME AO ORIGINAL.

Aveiro, 6 de Abril de 1979

O Ajudante,

Luís dos Santos Ratola

LITORAL - Aveiro, 12/4/79 — N.º 1245

XADREZ DE NOTÍCIAS

O ciclista Veríssimo Fonseca (Sanjoanense), sénior-B, triunfou na **Prova do Núcleo Desportivo de Travanca,** superando, ao «sprint», Moisés Teixeira (Oleiros), também sénior-B. A seguir, ficaram classificados: 3.º — Oliveira e Sá (Oleiros); 4.º — Fernando Carvalho (Oleiros), júnior; 5.º — Joaquim Cunha (Oleiros); 6.º — Carlos Dias (Travanca), júnior; 7.º — Manuel Zeferino (Gião); 8.º — António Relvão (Sheiko); 9.º — Eduardo Correia (Travanca), júnior; e 10.º — Manuel Sá Neves (Travanca), júnior.

Teve comportamento muito meritório — de que, mais de espaço, noutro número aqui daremos notícia desenvolvida — a Selecção de Aveiro que tomou parte no I Encontro Nacional de Juvenis (equipas femininas), em andebol de sete.

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 35 DO «TOTOBOLA»

22 de Abril de 1979

1 — **A. Viseu - Braga** 2
2 — **Fafe - Penafiel** 1
3 — **Académico - Boavista** 2
4 — **Sevilha - Raio Valhecano** 1
5 — **Santander - Real Sociedade** X
6 — **Valência - Saragoça** 1
7 — **Salomanca - Espanhol** 1
8 — **Real Madrid - At. Madrid** 1
9 — **Barcelona - Gijon** 1
10 — **Burgos - Hércules** 1
11 — **Juventus - Roma** 1
12 — **Lanerossi - Inter** 2
13 — **Lázio - Torino** X

TELEFONES MAIS ÚTEIS DE AVEIRO

BOMBEIROS VELHOS	22122
BOMBEIROS NOVOS	22333
P. S. P.	22022
HOSPITAL DA MISERICÓRDIA	22133 22134 25006 25007
CASA DE SAÚDE DA VERA-CRUZ	22011
POSTO DE ENFERMAGEM PERMANENTE	27571
AUTOMÓVEL CLUBE DE PORTUGAL	22571
CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES	24485
C. T. T.	23151
SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS	23056
TAXIS — PR. MARQUÊS DE POMBAL	24575
— ESTAÇÃO	22943
— PONTES	23766

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

CERTIFICO, para publicação, que por escritura de 4 de Abril de 1979, de fls. 81 v.º a 83, do livro de escrituras diversas N.º 55-C, deste Cartório, outorgada perante o notário Lic. Jorge Manuel Baptista Ramalho Miranda, Ana Maria Soares Nogueira de Lemos, casada, sob o regime da comunhão de adquiridos, com Francisco Emanuel Vaia dos Reis, natural da freguesia de Socorro, concelho de Lisboa, e residente na Rua Comandante Rocha e Cunha, n.º 5-1.º C, desta cidade de Aveiro;

Maria Manuela Soares Nogueira de Lemos, que pelo casamento passou a usar o nome de Maria Manuela Soares Nogueira de Lemos Figueiredo, casada, sob o regime da comunhão de adquiridos, com Augusto José Castro de Figueiredo Pinto, natural deste concelho, freguesia da Vera-Cruz, e residente na cidade do Porto, na Rua Vinte de Abril;

Maria da Graça Soares Nogueira de Lemos, casada, sob o regime da comunhão de adquiridos, com João Carlos da Silva Pereira, natural da aludida freguesia da Vera-Cruz, e residente na Rua Comandante Rocha e Cunha, n.º 3-B, desta cidade;

Alberto José Soares Nogueira de Lemos, solteiro, maior, natural da mesma freguesia da Vera-Cruz, e residente na Rua Comandante Rocha e Cunha, n.º 3-B, desta cidade;

António Manuel Soares Nogueira de Lemos, solteiro, maior, ao tempo do óbito da mãe, actualmente casado, sob o regime da comunhão de adquiridos, com Maria Cristina Ricardo Inês Fangueiro, natural da freguesia da Glória, deste concelho, e residente na Rua Comandante Rocha e Cunha, n.º 3-B, desta cidade;

Maria Isabel Soares Nogueira de Lemos, natural da dita freguesia da Vera-Cruz, e residente na Rua Comandante Rocha e Cunha, n.º 3-B, desta cidade, solteira, de 18 anos de idade, ao tempo do óbito da mãe, atingindo a maioridade após 11 dias do falecimento da mãe, — foram habilitados como únicos herdeiros de sua mãe Maria Carolina Machado Soares Nogueira de Lemos, que também usava o nome de Maria Carolina Soares Nogueira de Lemos, natural da freguesia de Britelo, concelho de Celorico de Basto, e falecida no dia 20 de Março de 1978, na sua residência habitual, à Rua Comandante Rocha e Cunha, n.º 3-B, freguesia da Vera-Cruz, desta cidade, no estado de casada com Dr. Alberto de Vasconcelos Nogueira de Lemos, sob o regime da comunhão geral de bens e em únicas núpcias de ambos, sem deixar testamento ou qualquer outra disposição de última vontade.

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida além ou em contrário ao que aqui se narra.

Secretaria Notarial de Aveiro, 6 de Abril de 1979

O Ajudante,

José Fernandes Campos

Campeonato Nacional da I Divisão

ARQUIVO

Resultados da 25.ª jornada

V. Setúbal - BEIRA-MAR .	2-0
Famalicão - Ac.º Viseu . .	3-0
V. Guimarães - Porto . .	1-3
Estoril - Barreirense . . .	1-1
Sporting - Benfica . . .	0-1
Boavista - Braga	2-1
Varzim - Belenenses . . .	2-0
Ac.º Coimbra - Marítimo .	1-3

Tabela de Pontos

	J	V	E	D	Bolas	P
Benfica	25	19	2	4	60-16	40
Porto	24	15	8	1	47-16	38
Sporting	25	14	7	4	36-17	35
V.Guimarães	25	12	5	8	39-29	29
Braga	25	13	3	9	39-30	29
Varzim	25	9	8	8	26-26	26
Belenenses	25	9	7	9	41-33	25
Estoril	25	8	9	8	22-32	25
Boavista	24	10	3	11	29-30	23
V. Setúbal	25	9	5	11	28-35	23
Marítimo	25	8	5	12	28-33	21
Famalicão	25	8	5	12	20-29	21
Barreirense	25	7	6	12	19-34	20
BEIRA-MAR	25	9	1	15	37-47	19
Ac.º Coimbra	25	4	5	16	16-37	13
Ac.º Viseu	25	5	1	19	12-57	11

Próxima jornada — 13/Maio

Ac.º Viseu - BEIRA-MAR (0-4)
Barreirense - Famalicão (0-2)
Porto - Estoril (1-1)
Benfica - V. Guimarães (2-1)
Braga - Sporting (0-2)
Belenenses - Boavista (2-2)
Marítimo - Varzim (0-3)
Ac.º Coimbra - V. Setúbal (0-1)

Empenho aveirense merecia outro prémio...

V. SETÚBAL, 2
BEIRA-MAR, 0

Jogo no Estádio do Bonfim, em Setúbal, sob arbitragem do sr. Pedro Quaresma, auxiliado pelos srs. António Rocha e Luís Mónica — da Comissão de Lisboa.

As equipas alinharam deste modo:

V. Setúbal — Silvino; Rebelo, José Mendes, Francisco Silva e José Luís (José Carlos, na segunda parte); Formosinho, Martin (Narciso, aos 63m.) e Mário Ventura; Pedrinho, Vitor Baptista e Vitor Madeira.

Beira-Mar — Rola; Manecas, Quaresma, Sabú (Garcês, aos 70 m.) e Soares; Veloso, Cremildo e Sousa; Niromar, Germano e Camegim.

Suplentes não utilizados: Avelino, Quim e Caica, nos sadinos; e Peres, Lima, Leonel e Cambraia, nos aveirenses.

Após uma primeira parte em branco, quanto a golos, os setubalenses vieram a alcançar dois — ambos na sequência de recargas, no desenvolvimento de **corners**, por intermédio de MARIO VENTURA (65 m.), num pontapé raso, e de NARCISO (88 m.), num golpe de cabeça.

Garantiram, assim, um triunfo de capital importância na empolgante luta que se trava entre as equipas que procuram evitar a despromoção. E um triunfo que terá de aceitar-se como resultado natural — pois os sadinos, no seu inicial período de **pressing** (um domínio algo e inexplicavelmente consentido, diga-se...), criaram e desaproveitaram maior soma de lances de golo possível e que, .

Continua na página 6

CAMPEONATOS NACIONAIS

II DIVISÃO — ZONA NORTE

II Fase — Grupo «A»

Resultados da 5.ª jornada

Naval - GALITOS	79-77
Académico - Olivais	80-74
ILLIABUM - Salesianos . . .	66-72

Classificação

	J	V	D	Bolas	P
Académico	5	4	1	413-330	9
Salesianos	4	3	1	342-309	7
GALITOS	5	2	3	396-386	7
Naval	5	1	4	338-461	6
Olivais	3	2	1	253-234	5
ILLIABUM	4	1	3	273-297	5

Para concluir a primeira volta, haverá que disputar os jogos em atraso Salesianos - Olivais (3.ª jornada) e Olivais - ILLIABUM (4.ª jornada) — que vão ter lugar durante o interregno da prova, na quadra pascal, nas datas já referidas na nossa última edição.

A segunda volta terá início no dia 21 de Abril, com os desafios GALITOS - Olivais, Académico - Salesianos e Naval - ILLIABUM.

III DIVISÃO — ZONA NORTE

Resultados da 14.ª jornada

SÉRIE A

ESGUEIRA - F.º d'Holanda . .	91-57
Ed. Física - Bairro Latino .. .	63-58
OVARENSE - Cedofeita . . .	145-57

SÉRIE B - 1

Sp. Covilhã - Oliveira Douro .	68-53
Visar - BEIRA-MAR	79-87

SÉRIE B - 2

SANJOANENSE - U. Leiria . .	114-58
Gaia - Desp. Leça	96-55
Desp. Covilhã - B. P. A.	70-72

Continua na página 6

II TORNEIO DAS «VELHAS GUARDAS»

Dos dois jogos programados para a segunda jornada, um (Illiabum-Sangalhos) foi adiado — apenas se realizando, no Pavilhão de S. João da Madeira, a partida Sanjoanense - Esgueira, que concluiu com triunfo (50-40) dos esgueirenses.

Sob arbitragem da **dupla** formada por Torrinha e Padrinho, alinharam e marcaram:

Sanjoanense — Armando (7), Betinho (19), Aureliano (10), Rowett (4), Daniel, Pinho, José António e Ferreira.

Esgueira — Manuel Pereira (2), Américo (15), Virgílio (8), Ravara, Salviano (23), Manuel Moreira (2), Aguinaldo e Ernesto.

● A terceira jornada está prevista para a noite de hoje, sexta-feira (13 de Abril), no Pavilhão de Sangalhos — defrontando-se, a partir das 21 horas: Esgueira - Illiabum e Sangalhos - Galitos.

MOÇAS DO BEIRA-MAR INVICTAS NO «NACIONAL» — ZONA DAS BEIRAS

Na tarde de sábado, ficou concluída, na Zona das Beiras, a fase de apuramento referente ao Campeonato Nacional da I Divisão (equipas femininas), que, nas suas seis rondas, proporcionou os seguintes desfechos gerais:

1.ª jornada
APROCRED - Académica . . 11-12

2.ª jornada
BEIRA-MAR - Académica . . 21-9

3.ª jornada
APROCRED - BEIRA-MAR . . 15-26

4.ª jornada
Académica - APROCRED . . 11-11

5.ª jornada
Académica - BEIRA-MAR . . 6-16

6.ª jornada
BEIRA-MAR - APROCRED . . 19-15

A classificação ficou assim ordenada — passando à fase seguinte o Beira-Mar (cem por cento vitorioso) e a Académica de Coimbra (mercê do êxito, à tangente, que logrou na ronda inaugural nesta cidade, ante a turma cacienese):

	J	V	E	D	Bolas	P
BEIRA-MAR	4	4	0	0	82-45	12
Académica	4	1	1	2	38-59	7
APROCRED	4	0	1	3	52-68	5

BEIRA-MAR, 19
APROCRED, 15

Jogo na tarde de sábado, no Pavilhão do Beira-Mar, sob arbitragem dos srs. Sousa Pereira e João Ferreira, da Comissão Distrital de Aveiro.

Alinharam e marcaram:

Beira-Mar — Ofélia, Teresa (2), Lai, Lúcia (6), Amélia (7), Isabel Pires (4), Cristina, Sílvia, Glória e Graça.

Continua na página 6

Ecos do jogo da Selecção Nacional em Aveiro

Texto de JOAQUIM DUARTE

O seleccionado nacional de basquetebol, que, neste momento, já se encontra na Turquia, a tomar parte no Campeonato da Europa, foi submetido a longa e cuidada preparação, sob o comando do técnico Adriano Baganha.

Enquadrado nessa «rodagem», disputou-se, no passado dia 1, nesta cidade, um encontro entre a selecção e um conjunto de americanos ao serviço das principais equipas portuguesas, integrando-se o espectáculo nas comemorações do 75.º Aniversário do Clube dos Galitos, que decorre este ano.

O treino de pouco valeu ao seleccionado nacional, já que alguns dos seus elementos ficaram de fora por se encontrarem «tocados» de treinos anteriores. Mesmo assim, houve ensejo de ver bom basquetebol, sobretudo da parte dos americanos, executantes muito acima da nossa média. No primeiro tempo, e enquanto Eustácio, do Ginásio Figueirense, esteve em campo, assistiu-se a um relativo equilíbrio, que originou até, da parte dos «americanos», um sudário de faltas pessoais que chegou a perigar a continuidade do espectáculo pelo reduzido número de jogadores apresentados (seis) e com o «sangalhense» Bill a sentar-se muito cedo no banco com cinco faltas, portanto desclassificado. Veio o segundo tempo e, com ele, a superioridade incontestada dos estrangeiros, que, passando então a preocupar-se so-

Continua na página 6

TAÇA de PORTUGAL

Com os jogos correspondentes à sua quinta eliminatória (oitavos-de-final), prosseguiu, no sábado, a **Taça de Portugal** para equipas seniores-macculinas, em que se apuraram os seguintes desfechos:

Cascais - OLEIROS	31-15
Espinho - Benfica	16-23
Desp. Portugal - Almada . . .	19-17
Arsenal - Amadora	23-18
Sporting - Maia	36-11
Porto - Belenenses	26-23
S. BERNARDO - Sismaria . .	32-25

Das turmas da Associação de Aveiro ainda em prova — que eram duas —, uma ficou pelo caminho (OLEIROS), mantendo-se a outra (S. BERNARDO) na competição, agora já nos quartos-de-final, cujos parceiros em breve serão conhecidos, depois do sorteio a realizar na Federação.

S. BERNARDO, 32
SISMARIA, 25

Jogo no Pavilhão Gimnodesportivo, sob arbitragem dos srs. Fernando Alves e Manuel Oliveira, da Comissão Distrital do Porto.

Alinharam e marcaram:

S. Bernardo — Chinca (Amável),

Continua na página 6

XADREZ DE NOTÍCIAS

Integrado no programa dos festejos em honra de N.ª S.ª do Bonsucesso, que decorrem de 15 a 17 do corrente, disputa-se no próximo Domingo de Páscoa (dia 15), uma tarde desportiva que terá início às 17 horas e incluirá um jogo amistoso entre o Bonsucesso (que recentemente passou a ser orientado por José Carlos Marçal) e o Beira-Mar.

Em organização do Grupo Desportivo de Verdemilho, vão realizar-se, com início às 9.30 horas do próximo domingo, provas de captação de atletismo, para não federados (masculinos e femininos), de vários escalões etários.

Haverá corridas de 60, 100, 400, 1.500 e 3.000 metros.

A Associação de Ciclismo de Aveiro marcou para 7 de Abril, 6 e 19 de Maio as três corridas que compõem o **Troféu A. C. A. / 1979** — sendo a primeira prova, disputada no último sábado, denominoda «Prémio Bicicletas Órbita». Dela, logo que devidamente homologados, indicaremos os respectivos resultados.

Dois clubes da Associação de Futebol de Aveiro — Sporting de Espinho (Zona Norte) e União de Lamas (Zona Centro) — lideram no «Nacional» do II Divisão, onde os clubes aveirenses na ronda do último fim-de-semana. alcançaram os seguintes desfechos.

Chaves, 3 - LUSITANIA, 0. ESPINHO, 1 - Fafe, 1. ALBA, 3 - União de Coimbra, 0. Portalegrense, 1 - RECREIO DE ÁGUEDA, 0. União de Santarém, 0 - FEIRENSE, 0. LAMAS, 4 - Torriense, 1. OLIVEIRA DO BAIRRO, 2 - União de Leiria, 0.

Continua na página 6

Exmº Senhor
João Saraba
AVEIRO